

Cidade e Educação: um rolé pela Providência no Rio de Janeiro**City and education:** a walk through Providência city of Rio de JaneiroLeonardo Perdigão Leite¹**Resumo**

O presente artigo trata da relação entre as possibilidades educativas acontecidas de maneira espontânea nas cidades, com foco no "Rolé dos Favelados" uma atividade cultural de guiamento no Morro da Providência, na cidade do Rio de Janeiro. Trata-se, portanto, de analisar práticas culturais que não tem intencionalidade pedagógica ou didática apriorística. Exploramos, ao longo do texto, a experiência etnográfica realizada no Morro da Providência e a relação com uma educação que é feita através do caminhar e através das trocas e relações entre humanos e não humanos. Para isso, mesclamos a análise bibliográfica de autores da Antropologia, da Educação e da Geografia com o trabalho de campo. A metodologia utilizada no trabalho etnográfico é pautada nos pressupostos da Teoria Ator-Rede (TAR). Chegamos à conclusão que a educação nas cidades é uma importante vertente do processo educativo e que se dá de formais mais espontâneas, principalmente, através de iniciativas não formais e informais e que abrange a formação de valores, memórias e histórias.

Palavras-Chave: Antropologia; Caminhar; Cidade; Educação; Teoria Ator-Rede.

Abstract

The present paper discuss the relations between cities and education processes that happen in spontaneous ways. The focus is the event known as "Rolé dos Favelados", a cultural activity of guiding that occurs in the Providência Favela. Therefore, we analyze cultural practices that has no pedagogical intention or didactical intention in advance. We explore through the text the ethnographic experience made in the Providência Favela that focus walking as a way of learning and the relation between human and non human actors. Furthermore, we utilize bibliographic papers from authors of Antropology, Education and Geography with the field work. The methodology is based on the Actor Network-Theory (ANT). We get to the conclusion that city education is a important aspect of the educational process that is made through spontaneous ways, mainly, non formal and informal ways that constitute the formation of values, memories, and local stories.

Keywords: Antropology; Cities; Education; Walking; Actor Network-Theory.

Introdução

O presente trabalho parte da ideia de que as cidades apresentam diversas possibilidades educativas em todo seu território e que essas ações espontâneas são muitas vezes negligenciadas ou passam despercebidas. O principal foco a ser explorado é do evento Rolé dos Favelados, um guiamento feito na região portuária do Rio de Janeiro e no Morro da Providência localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro. Trata-se, portanto, de analisar

¹ Doutor e mestre em Psicologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/ UERJ. Bacharel em Museologia e Licenciado em Pedagogia.

práticas culturais que não tem intencionalidade pedagógica ou didática *a priori* e explorar as possibilidades de aprendizagem do caminhar entendido como um modo de pensar e sentir que possibilita relações entre os atores humanos, não humanos e territórios (INGOLD; VERGUNST, 2008). O artigo encontra-se dividido em três seções: a primeira traça um panorama com as relações entre cidades e educação; a segunda é uma descrição do Rolé dos Favelados e da Galeria Providência; a terceira contém a discussão sobre outras formas de aprendizagem, nesse caso, o caminhar.

O ponto de partida é entender a cidade "como uma pluralidade de experiências que se configuram por diferentes perspectivas" (ARAUJO, 2011, p. 136), ou seja, que os territórios citadinos são atravessados por diferentes públicos e diferentes formas de planejar, pensar e ver. Faz-se também necessário entender a educação como uma prática cultural que se dá nas relações entre sujeitos, locais e coisas e não exclusivamente em práticas escolares (CARRANO, 2003).

É preciso apontar que certos aspectos das cidades são negligenciados em detrimento de outros, principalmente pelos gestores e responsáveis pelo planejamento urbano. É possível notar, olhando especificamente para o Rio de Janeiro, que certas áreas da cidade recebem maior atenção, cuidados e fomento por parte do poder público. No viés adotado, valorizamos os aspectos e ações cotidianas pautados na imprevisibilidade.

Assim, para tornar perceptíveis os sentidos dos fragmentos geralmente desprezíveis e irrelevantes da cidade, faz-se necessário percebê-los na complexidade dos processos sociais. O cotidiano da cidade também é tecido pela imprevisibilidade e pela invisibilidade, isto pressupõe afirmar que, para além da visibilidade dos projetos existentes e das evidências temporais e espaciais, na cidade estão presentes outros movimentos reveladores das marcas singulares e coletivas deixadas por diferentes sujeitos, seja pela capacidade de instaurar novas referências para a cidade, seja pelas resiliências e resistências que apontam novos enredamentos na trama social da cidade (ARAUJO, 2011, p. 134).

Dessa forma, procuramos entender o Rolé dos Favelados como uma forma de resistência que reforça que a favela é parte constituinte da cidade; que contraria estereótipos; que evidencia as condições e modos de vida da população local; e que nela existe muito mais do que a violência e ilegalidade propagada pelos veículos midiáticos hegemônicos. Outras iniciativas semelhantes podem ser observadas no Rio de Janeiro desde o início dos anos 2000 como o Museu da Maré no complexo da Maré, o Museu de Favela nas favelas do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, o Museu Nami na favela Tavares Bastos, o Museu Sankofa na favela da Rocinha e galerias de arte a céu aberto no Morro da Babilônia e na própria Providência.

De forma geral os projetos culturais nas favelas podem ser entendidos como formas de resistência ou daquilo que Milton Santos (2006) chama de *contrarracionalidades*, ou seja, formas de racionalidade paralelas, divergentes e convergentes ao mesmo tempo sendo formas de resistência que possibilitam a criação, novas formas de agrupamento, de experiências e de construção de novos sentidos.

Santos (2006) utiliza essa noção para explicar que mesmo com tentativas de padronização de comportamentos há formas de se fugir aos padrões racionais de controle e dominação que são impostos nos diversos territórios e que os territórios à margem têm maior potencial criador. E são essas ações que o geógrafo considera como uma forma de atores periféricos ou mais pobres criarem e participarem de debates novos, inéditos, certas vezes ruidosos, outras vezes silenciosos, com as populações e coisas já presentes.

Essas contrarracionalidades se localizam, de um ponto de vista social, entre os pobres, os migrantes, os excluídos, as minorias; de um ponto de vista econômico, entre as atividades marginais, tradicional ou recentemente marginalizadas; e, de um ponto de vista geográfico, nas áreas menos modernas e mais "opacas", tornadas irracionais para usos hegemônicos. Todas essas situações se definem pela sua incapacidade de subordinação completa às racionalidades dominantes, já que não dispõem dos meios para ter acesso à modernidade material contemporânea. Essa experiência da escassez é a base de uma adaptação criadora à realidade existente. (SANTOS, 2006, p. 210).

Por esse viés, os habitantes de áreas periféricas encontram novos usos e finalidades para objetos e técnicas, novas articulações práticas, novas normas, novas relações que se refletem na vida social e afetiva (SANTOS, 2006).

Interessa-nos, neste trabalho, seguir aquilo que Latour (1994) chama de rastrear conexões entre os atores humanos e não humanos e quais os efeitos são produzidos a partir desses encontros. A Teoria Ator-Rede (TAR) consiste em uma metodologia, onde prática e teoria não podem ser dissociadas. Além disso, para a TAR as teorizações são feitas a partir daquilo que foi encontrado no campo, ou seja, através da prática dos atores. E é através da TAR que o trabalho de campo foi pautado.

Latour (2005) considera que se faz necessário uma requalificação metodológica das Ciências Sociais para que seja possível compreender melhor os agrupamento e associações enquanto essas estão sendo tecidas. A partir disso, o autor considera que a Sociologia se pauta na identificação, mapeamento e descrição das associações entre elementos heterogêneos, ou seja, entre os agentes humanos e não humanos, a chamada *sociologia das associações*. Essa postura metodológica e epistemológica defende a abertura do pesquisador para o mundo

sendo necessário prestar atenção às nuances e ter calma. Trata-se do olhar e do caminhar da formiga², ou seja, investigar as práticas locais e seguir os atores para mapear seus fazeres.

Pelo viés adotado pela TAR não cabe ao pesquisador explicar ou "iluminar" o ator sobre seus hábitos ou saberes. O ator é quem sabe o que faz, quem domina certas práticas, cabendo ao pesquisador rastreá-las e descrevê-las. Para um leitor que não conheça os pressupostos teóricos da TAR, isso pode parecer um reducionismo do papel do pesquisador, mas a questão é que determinadas práticas e ações não precisam ser explicadas pela academia nem pelo saber acadêmico. Através da TAR, o social deixa de ser uma área segura e sem problemas, para ser um movimento que rastreia novas conexões e forma novos agrupamentos, e que pode falhar em ambos os casos. Pelo viés da *sociologia das associações* a ideia de "explicação social" produz efeitos indesejados, ou seja, interrompe o rastreamento e o movimento das associações.

No mundo em que a TAR está tentando viajar, nenhum deslocamento parece possível sem traduções penosas e custosas. Os sociólogos do social parecem voar como anjos, transportando poder e conexões quase imaterialmente, enquanto os pesquisadores da TAR têm que caminhar como uma formiga, carregando pesados equipamentos para gerar a menor conexão que seja. (LATOURE, 2005, p.25, tradução nossa).

Por isso, é necessária uma ciência mais lenta, a *slowciology*. Através dessa metáfora é possível entender que só capturamos, que só enxergamos, só prestamos atenção, quando reduzimos a velocidade à qual nos acostumamos atualmente. Muitas nuances passam despercebidas pela rapidez com a qual nos acostumamos a viver, a pesquisar, a ler, a observar (LATOURE, 2005).

Essa alteração temporal também ocorre por um posicionamento no qual a ordem é invertida, ou seja, ele ocorre depois que os atores distribuem as controvérsias nas quais estão imersos. Não há, dessa maneira, uma estrutura espaço-temporal prévia à ação dos sujeitos. A ideia de ordem, rigor e estrutura não some, ela é deslocada de uma etapa preliminar para uma posterior. "É por isso, para ganhar algum sentido de ordem, que a melhor solução é rastrear as conexões entre as controvérsias ao invés de decidir como estabelecer qualquer controvérsia dada" (LATOURE, 2005, p.23, tradução nossa).

Latour (2005) também faz da sociologia uma ciência menos antropocêntrica ao propor uma simetria metodológica entre os agentes humanos e não humanos. Dessa forma, é importante para o mapeamento das redes identificar os elementos que tenham agência nela,

² Em inglês a Teoria Ator-Rede é conhecida como Actor-Network Theory (ANT). *Ant* também é a palavra que se refere à formiga.

sejam eles humanos ou não humanos. O trabalho de campo da TAR tem, portanto, um viés etnográfico. É a partir desse entendimento que tentamos estabelecer relações entre o território do Morro da Providência com os processos educativos.

Cidades e Educação

A relação entre cidades e educação tem sido explorada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento ao longo dos últimos trinta anos. Dentre as diversas perspectivas e abordagens é possível apontar que muitas passam pela ampliação da noção de educação que passa a ser entendida como o conjunto de diversas práticas sociais que formam os sujeitos. De acordo com Carrano (2003) o processo educativo "não é redutível às práticas sociais intencionalmente concebidas para educar, nem tampouco é fruto do acaso completo" (CARRANO, 2003, p. 15).

Dessa forma, aquilo que é conhecido como educação informal, ou seja, processos educativos que não tem intencionalidade pedagógica devem ser levados em consideração no processo formativo dos indivíduos que passa, dentre outros, pela formação da cidadania e de identidades. "A ênfase do conceito está no reconhecimento de que a educação informal se caracteriza por não se ajustar a formas institucionalmente determinadas e que, de maneira geral, o seu processo educativo não se revela de forma explícita" (CARRANO, 2003, p. 17).

Seguindo ainda as ideias de Carrano (2003) entendemos que as configurações materiais, as práticas sociais e as diversas redes de subjetividade são parte constituinte do processo educativo já que passam pela formação de valores, troca de saberes e a constituição de identidades e subjetividades. As cidades passam a ser entendidas não só como palco, mas como atores que influenciam nas dinâmicas e práticas sociais. Na mesma linha de pensamento, Gomes (2014) explicita uma concepção ampliada de educação que passa por todos os processos que envolvem aprendizagem de novas informações, criação de novos hábitos, valores e comportamentos que não se restringem aos conteúdos específicos dos currículos escolares.

Araújo (2011) ressalta que práticas de massificação de comportamentos e a privatização de espaços públicos atuam como limitadores dos nossos modos de ser, estar e aparecer na cidade, mas que essas práticas não são totalizadoras há sempre algo que escapa. Segundo a autora: "a cidade real pressupõe também outras experiências que vão criando redes de significação atravessados por sonhos, fazeres e saberes que se configuram como movimentos instituintes presentes na dinâmica territorial e que vão possibilitando novas significações" (ARAÚJO, 2011, p. 139). Faz-se necessário ainda de acordo com a autora levar

em consideração as singularidades e subjetividades na análise do cotidiano territorial. Assim, para pensar o potencial educativo das cidades é preciso considerar a pluralidade dos sujeitos que por ela circulam e a convivência de diferentes ideias, interesses, opiniões e práticas que levem ao exercício da cidadania. É através do encontro e da relação dos sujeitos em diferentes espaços que emergem variadas práticas imprevisíveis por toda a urbe.

Cabe salientar que muitas vezes a convivência de diferentes grupos sociais em certos espaços citadinos não se dá de maneira harmoniosa. Gomes (2014) aponta que determinados segmentos sociais se tornam espacialmente segregados e que a falta de circulação em outros circuitos sociais e econômicos e a falta de interação com outras classes e grupos sociais ao redor da urbe agravam conflitos e reforçam estereótipos. Ademais, o autor aponta que a constituição de bairros com composição social homogênea traz impactos educativos que reproduzem desigualdades sociais tanto dentro quanto fora das escolas.

A cidade deve ser vista como uma organização plural e multifacetada. Ela é um conjunto múltiplo de ação coletiva, elaborada em muitas dimensões, plena de significados, construtora de identidades e identificações. Num mesmo espaço geográfico da cidade é possível encontrar diferentes atores e organizações atuando simultaneamente (CARRANO, 2003, p. 24).

Nesse sentido, as práticas educativas nas urbes contemplam diversas iniciativas, muitas vezes antagônicas, pautadas em diferentes intencionalidades. Há a ação do poder público, de gestores e planejadores, mas há também as práticas cotidianas dos sujeitos que se articulam em redes educativas e sociais para desenvolver os projetos de forma coletiva. Carrano (2003) desenvolve a ideia de que as cidades devem ser entendidas como arenas culturais pautadas no diálogo entre sujeitos heterogêneos. "Nesses diálogos há luta entre os que se colocam em posições antagônicas, disputando territórios e sentidos; há solidariedade para a realização de interesses comuns e também indiferença dos que se isolam no diálogo surdo da cidade das privações que os mercados comandam" (CARRANO, 2003, p.24).

Como exposto na introdução o caminho teórico metodológico da TAR dá mais ênfase nas relações e nos efeitos que são produzidos desses encontros. Esse aparato conceitual nos leva a considerar que os espaços geográficos, os arranjos materiais e a interação entre esses elementos e os humanos devem ser considerados em processos educativos. Assim, os lugares não são entendidos apenas como pano de fundo para a ação humana, mas são atores ativos em processos relacionais que são os mais variados. "Entender a cidade apenas como reino do indivíduo aprisionado em espaços determinados é deixar de captar a complexidade da vida

social, desconhecendo a interdependência ativa que os sujeitos estabelecem em múltiplos, imprevisos e variados jogos relacionais" (CARRANO, 2003, p. 32).

É preciso salientar que há um movimento institucionalizado conhecido como Associação Internacional das Cidades Educadoras³, fundada em 1994 a partir da Carta das Cidades Educadora de 1990⁴. A Carta também conhecida como Declaração de Barcelona traz aspectos interessantes sobre o processo educativo nas cidades ressaltando que há tanto possibilidades educadoras quanto forças deseducadoras. Diz o documento: "De uma maneira ou de outra, a cidade oferece importantes elementos para uma formação integral: é um sistema complexo e ao mesmo tempo um agente educativo permanente, plural e poliédrico, capaz de contrariar os fatores deseducativos" (CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS, 2004, p.2).

Ressalta-se que a vertente educadora das cidades não deve se desenvolver independente das funções econômicas, sociais e políticas, mas paralela a elas, com o objetivo de formar e promover o desenvolvimento de todos os seus habitantes. Para isso, instituições formais e atividades não formais e informais devem ser desenvolvidas multilateralmente para que ocorra troca de experiências que garanta a cidadania democrática, a formação de valores éticos e cívicos e o respeito pela pluralidade.

A Carta conta com vinte princípios divididos em três eixos: o direito a uma cidade educadora; o compromisso da cidade; e ao serviço integral das pessoas. Destacamos dois deles: "o direito a uma cidade educadora é proposto como uma extensão do direito fundamental de todos os indivíduos à educação. A cidade educadora renova permanentemente o seu compromisso em formar nos aspectos, os mais diversos, os seus habitantes ao longo da vida" (CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS, 2004, p.4). O segundo ponto a ser destacado é de que as cidades educadoras devem acolher iniciativas culturais inovadoras da cultura popular independentes de sua origem. É a partir desse segundo ponto que apresentamos o Rolé dos Favelados e a Galeria Providência.

Rolé dos Favelados e Galeria Providência

O Rolé dos Favelados é uma iniciativa do guia de turismo Cosme Felipssen, morador da Providência, para levar turistas e interessados para visitar as favelas do Rio de Janeiro. A ideia contraria os Safári Tour que foram muito populares no início dos anos 2000 na cidade do Rio. No Rolé, o percurso é feito a pé, com pelo menos um guia morador do local e não se faz a aposta no exótico, mas de mostrar os modos de vida, o território e a cultura das favelas.

³ O site da instituição é <https://www.edcities.org/pt/>. Acesso em 18/04/2020.

⁴ O documento foi retomado em duas reuniões posteriores, nos anos de 1994 e de 2004.

Cosme ressalta que o projeto é "uma soma de um pouco de turismo com muita informação de militância e luta"⁵.

O guia anuncia os eventos em suas páginas pessoais das redes sociais digitais e através das páginas Providência Turismo e Rolé dos Favelados tanto no *Instagram* quanto no *Facebook*⁶. A partir de 2016 foi adicionada ao circuito feito por Cosme a Galeria Providência, criada no mesmo ano e que é composta por corredores de *graffiti* a céu aberto em diversos pontos da favela. A Galeria Providência realiza pelo menos uma semana de atividades por ano e a pintura de novos murais em cada edição do evento e neste ano de 2020 será realizada a quarta edição.

A Galeria Providência foi idealizada por Hugo Oliveira, produtor cultural e morador da Providência, para compor relações com a revitalização da Praça Mauá e o que ficou conhecido nas Olimpíadas como Boulevard Olímpico. Dessa maneira, o projeto tem como objetivos fomentar o turismo na favela, gerar estímulos para o comércio local e promover discussões sobre a cidade. O projeto da Galeria Providência tem parceria com o Museu de Arte do Rio (MAR) e conta com obras de diversos nomes conhecidos da arte urbana carioca como Carlos Acme, Fernando Cazé, Camila Camiz, Marcelo Ment, Davi Baltar, Nata Família, Alberto Pereira, Guilherme Memi, Lucas Ururah, Juliana Fervo, Carlos Bobi, dentre outros.

Figura 1: Colagem e pintura de Machado de Assis feito pela Nata Família.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

⁵ Retirado de <https://blog.bemglo.com/oroleeparatodos-o-rolé-dos-favelados/>. Acesso em 14/02/2020.

⁶ O *instagram* para divulgação é <https://www.instagram.com/proviturismo/> e a página do *Facebook* é <https://www.facebook.com/roledosfavelados/>

A Galeria Providência é uma forma de afirmação de existência, de mostrar que a favela é parte componente das cidades e que deixa e tem marcas na/da/para a cidade. Através dessa iniciativa, também se tenta desfazer estereótipos da favela como o lugar da violência e da falta. Dessa forma, há uma "requalificação recente da favela, que busca ser vista como *parte historicamente relevante da cidade*, assumindo uma visibilidade distinta daquela que a associa à violência" (FREIRE-MEDEIROS, 2006, p.52, grifos da autora).

As descrições que seguem foram feitas a partir de duas incursões no Morro da Providência através do Rolé dos Favelados no ano de 2018. A primeira visita foi feita na parte da tarde com um grupo de aproximadamente seis pessoas e não passamos pelas áreas da favela que compõem a Galeria Providência. Subimos uma longa escadaria localizada na Rua Bento Ribeiro que nos levou diretamente para a Ladeira do Barroso, uma das vias principais da Providência.

Cosme falava sobre informações históricas da Providência, como o fato de ser a primeira favela do Rio de Janeiro e ter por volta de 120 anos. Continuamos a caminhar e avistamos uma grande escadaria que leva para o Largo do Cruzeiro e a Casa Amarela, mas seguimos para a direita em direção à estação do teleférico da Providência, que funcionou muito pouco. Paramos no Bar da Jura para almoçar e iniciou-se uma discussão sobre o que cada participante pensava sobre o que era a favela e daí surgiram desdobramentos pautados em discursos midiáticos, políticos, econômicos e sociais. Após o almoço levantamos e voltamos a caminhar, agora em direção à escadaria que leva ao Largo do Cruzeiro. Fato interessante é que alguns moradores se juntam ao guia e contam histórias sobre suas experiências e complementam suas falas reforçando as memórias locais.

Chegamos ao topo da grande escadaria e observamos a Casa Amarela, projeto do fotógrafo francês JR com o fotógrafo da Providência Maurício Hora que conta com uma instalação de tacos de madeira dos artistas Takao Shiraishi e Dirby, e o *graffiti* da dupla paulistana Os Gêmeos (figura 2). Andamos mais alguns metros e Cosme realizou uma performance onde relatava a disputa de moradores com trabalhadores da prefeitura que marcavam as casas a serem removidas com as letras SMH (Secretaria Municipal de Habitação), utilizando um pandeiro para cantar algumas músicas. Um projeto da prefeitura da cidade estimava remover 80% dos moradores da favela, cerca de oitocentas famílias, o que acabou não acontecendo devido à organização dos moradores e a atuação junto a órgãos como a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro (MATTOS, 2014). Vê-se que mesmo com a vitória na justiça a política de remoções causa incômodo nos moradores.

Figura 2: Fachada da Casa Amarela.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Andamos em direção a vielas e chegamos a um mirante com uma vista de impressionar. É possível ver do local o estádio do Maracanã, o Corcovado, o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor. Alguns meninos soltavam pipa no local e outros consertavam suas bicicletas. Seguimos um caminho à direita do mirante e descemos por algumas vielas onde é possível encontrar antigos barracos de madeira, que não são mais habitados. Cosme mencionou que uma forma de construção de alvenaria se mostrou muito mais resistente nesses pontos da favela e que enfrentam muito menos problemas de desabamento.

Continuamos descendo as vielas após encontrar os barracos de madeira. Cosme nos mostrou um local em que grande parte dos conflitos armados ocorria, usando a expressão "E aqui é a Faixa de Gaza". As marcas de tiros nas paredes foram tapadas com concreto, o que não disfarça o ocorrido. Mesmo sabendo que os conflitos não ocorrem mais com tanta frequência ali, produz-se um sentimento estranho, um misto de medo, lamentação e reflexão.

Aqui, vemos com força a ideia de que os lugares e os ambientes produzem agência e fazem os humanos sentir, agir e fazer. Essa questão nos leva a pensar no trabalho do geógrafo inglês Nigel Thrift (2008a) que ressalta o caráter de produção de subjetividades do espaço, ou seja, os territórios e os espaços encenados também são atores não humanos que têm agência. O autor desenvolve que em algumas situações somos levados a fazer certas coisas e tomar certas ações que não pensávamos ou prevíamos, que não vieram de uma entidade subjetivadora interior ou de um inconsciente dominador. Os territórios devem ser levados em consideração nesse processo de subjetivação, assim como os objetos — não entendidos como meras coisas passivas a serviço dos desejos dos atores — e os sujeitos.

O mesmo Thrift (2008b) trabalha a ideia de uma política do espaço orientada pelos afetos. O primeiro ponto é entender que os afetos não possuem na visão do autor uma definição estanque e que o termo pode significar diversas coisas. O mais interessante a nosso ver é que Thrift usa uma abordagem onde os afetos são entendidos como uma forma de pensar, uma forma de inteligência. Com esse movimento, rompem-se as definições dicotômicas que colocam a razão de um lado e os afetos do outro. "O afeto é uma forma diferente de inteligência sobre o mundo, mas mesmo assim é uma inteligência, e tanto as tentativas anteriores que relegaram o afeto aos aspectos irracionais quanto as que o elevaram para o nível do sublime estão igualmente equivocadas" (THRIFT, 2008b, p. 192, tradução nossa).

Para entender o que são esses afetos Thrift (2008b) recorre a três correntes teóricas que consideram que os afetos não são associados às emoções e aos sentimentos individuais, mas como linhas de força, ou seja, os afetos são entendidos como formas de agir, emoção como movimento. Dessa maneira, os afetos são tanto interiores quanto exteriores e nos atravessam, fazendo-nos agir de variadas maneiras. A primeira corrente analisada parte da fenomenologia e concebe "o afeto como um conjunto de práticas incorporadas que produzem conduta visível no exterior" (THRIFT, 2008b, p. 192, tradução nossa).

A segunda corrente utilizada pelo autor parte da psicanálise e considera que as emoções são veículos ou manifestações do impulso libidinal subjacente ou variações do tema do desejo. Os afetos devem ser entendidos como processos "e podem e são ligados a objetos, pessoas, ideias, sensações, relações, atividades, ambições, instituições e a outros afetos". (THRIFT, 2008b, p. 193, tradução nossa). Dessa forma, os afetos não são apenas da esfera humana, mas podem estar presentes nos não humanos.

A terceira corrente é de cunho naturalista e depende das articulações através da interação em um mundo que está constantemente se tornando. Essa corrente é ligada a Espinoza. Thrift (2008b) apresenta então o modelo proposto por Espinoza e reatualizado por Deleuze, em contraponto ao de Descartes. Enquanto Descartes propõe uma separação entre mente e corpo, sendo a primeira mais importante que o segundo, Espinoza considerava que tudo faz parte de um domínio que é simultaneamente do pensamento e do fazer. Assim, o conhecimento é um procedimento que se dá em paralelo com os encontros corporais e a interação.

Espinoza desafiou o modelo proposto por Descartes sobre o corpo ser animado pela vontade de uma mente ou alma imaterial, uma posição que refletia a lealdade de Descartes à ideia de que o mundo consistia em duas substâncias diferentes: extensão (o campo físico dos objetos posicionados em um campo geométrico que se tornou familiar para nós como o espaço cartesiano) e o pensamento (a propriedade que

distingue os seres conscientes como "coisas pensantes" dos objetos). (THRIFT, 2008b, p. 193, tradução nossa).

Os afetos passam a ser entendidos como os encontros que se dão entre os corpos e as coisas, que acarreta em mudanças tanto no corpo como na mente que provoca ganho ou perda de potência, ou seja, da vontade de agir (ESPINOZA, 2008). Os afetos, então, são parte de um jogo de ações e encontros. Diz Thrift:

Os afetos, definidos como a propriedade do resultado ativo de um encontro, assumem a forma de um aumento ou diminuição da capacidade do corpo e da mente de agir, o que pode ser positivo - e, assim, aumentar essa capacidade - ou negativa - e, assim, diminuir essa capacidade. (THRIFT, 2008b, p. 194, tradução nossa).

Através desse movimento a produção de espaço pelos afetos é entendida como forma de pensar e como pensamento em ação. Há uma interdependência, portanto, entre a produção dos espaços e a produção dos afetos. Thrift (2008b, p.192) se aproxima teoricamente de pressupostos da TAR no que tange à ação ao considerar aspectos não humanos na construção dos processos de formação dos sujeitos. O geógrafo utiliza os termos "inumano" e "trans-humano" para se referir aos processos de formação dos indivíduos que são entendidos como "efeitos dos eventos aos quais suas partes do corpo respondem e dos quais participam". Nesse sentido, ele se distancia de vertentes sociológicas e psicológicas que trabalham com as noções de emoções individuais.

A ideia da política espacial do afeto não pode ser só utilizada na "Faixa de Gaza" da Providência, mas no próprio fazer da Galeria Providência e do Rolé dos Favelados. Essas práticas trazem para a cena novas formas de apreender, enxergar e sentir através de espaços que são vistos por grande parte da população como espaços da falta e da marginalidade, que se abrem, então, para novos afetos, novas racionalidades, novas emoções e sentimentos. E como se fazem essas novas práticas e encenações? Através dos encontros e dos corpos conforme o modelo espinozista.

O que fazem o Rolé dos Favelados e a Galeria Providência é justamente propor o encontro. Encontro de pessoas de favelas. Encontro dos moradores do asfalto com os modos de vida da favela. Encontro de pesquisas e pesquisadores produzidos pelas favelas com pesquisadores de outras áreas. Ainda seguindo as pistas de Thrift (2008b) é possível considerar que esses encontros têm caráter político na formação dos espaços. Para o inglês, há no século XXI uma crescente visibilidade dos elementos afetivos na política que são trabalhados tanto por grupos locais pequenos quanto por políticos em cargos eletivos e pela grande mídia.

Faz-se necessário prestar atenção ao modo pelos quais novas formas de espaço e novas temporalidades são produzidas e constituídas, pois Thrift (2008b) aponta que essa política espacial do afeto pode ter tanto usos positivos quanto negativos. Podem-se exacerbar modelos já consagrados e deixar de lado modelos minoritários ou abrir-se para maior variedade de modelos que serão produzidos. Uma das estratégias apontadas pelo autor é da aliança dos cientistas sociais com os artistas produzindo formas de conhecimento teórico-práticas que mudam nosso engajamento com o mundo.

Voltamos para a Central do Brasil através da mesma escadaria que viemos e Cosme nos convidou para retornar ao Rolé cinco dias depois, já que ele faria o circuito contemplando a Galeria Providência. Então, na quinta-feira, dia 26 de julho de 2018, segui novamente para o evento. O ponto de encontro foi o mesmo, em frente a uma lanchonete na Central do Brasil, mas dessa vez o evento foi marcado na parte da manhã, às dez horas. Diferente do sábado, o grupo presente era bem maior, aproximadamente sessenta pessoas. A visita fez parte da programação do evento "Julho Negro" no Rio de Janeiro. Além de Cosme, outra mediadora participou do Rolé, Gizele Martins, jornalista e moradora da Maré.

Pelo tamanho do grupo foi necessário utilizar os maiores acessos ao Morro da Providência. Andamos por ruas atrás da Central do Brasil e chegamos à subida da Galeria Providência, no final da Rua Alexandre Mackenzie que é formada por diversos *graffiti*, colagens e estênceis ao longo da subida. A segunda edição da Galeria Providência teve como temática uma homenagem a Machado de Assis, nascido no Morro da Providência e é possível notar dois trabalhos com a imagem do escritor, um *graffiti* de Cazé e uma colagem da Nata Família (Figura 3).

Figura 3: Graffiti de Machado de Assis feito pelo artista Fernando Cazé.



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A passagem pela Galeria Providência foi rápida, talvez por volta de vinte minutos e continuamos o percurso até a casa onde Machado de Assis nasceu. Foi pedido para que o grupo tentasse ficar próximo para que todos pudessem escutar o que era falado e participassem das questões levantadas pelo mediador. Uma parte da casa onde nasceu o escritor é atualmente ocupada por um movimento social que busca moradias na cidade do Rio.

Seguimos até a Igreja do Livramento e paramos em um largo, onde algumas questões foram abordadas, como a visão dos participantes sobre as favelas, as remoções e processos de resistência, mas, diferentemente do sábado, nem todos falaram, visto a elevada quantidade de pessoas. Creio que algumas paradas não puderam ser realizadas pelo tamanho do grupo, já que alguns acessos não o comportavam. Um fato que chama atenção é que há bastantes prédios históricos na Providência e que o guiamento se utiliza deles para compor seus circuitos. Toda essa parte foi novidade em relação à visita de sábado.

Retorno a algumas considerações de Thrift (2008c) sobre o espaço, mas agora em suas relações com os processos de aprendizagem. O geógrafo ressalta que os ambientes são meios de aprender e de "in-formar" e não apenas os locais onde as situações se dão. A passagem por esse percurso histórico da Providência é uma forma de aprendizagem que foge de modelos tradicionais principalmente pautados na seriação, espaços fechados e oralidade. É lógico que os mediadores falam, mas há diversos outros aspectos que interferem e compõem o cenário: o clima, os cheiros, os sons, a atenção e observação dos visitantes e os modos de experimentar o ambiente.

Outra ideia trabalhada pelo autor é de que o espaço pode ser feito e refeito pelas relações entre humanos e não humanos e essa habilidade permite a possibilidade de se fazer perguntas diferentes e prover novas formas de instrução. A encenação do espaço da Providência pelo Rolé dos Favelados abre outros modos de olhar para a cidade e para a favela, através de ambientes que são refeitos pelos moradores em conjunto com os visitantes. Thrift ainda aponta que o viés trazido por ele permite pensar as coisas em mais detalhes, e, dentre as coisas, estão os humanos. Diz o autor:

O ser humano é um turbilhão de espaço-movimento. O desenvolvimento de movimentos plásticos e adaptáveis é fundamental para o ser humano – para o esquema corpóreo, para a manipulação de ferramentas e do ambiente, para a comunicação, para a expressão, para as perturbações da percepção e, de fato, para todo senso de espaço. (THRIFT, 2008c, p. 179, tradução nossa).

O geógrafo ressalta o caráter performativo de sua proposta e afirma que os diversos tipos de inteligência e a constituição do espaço não se dão necessariamente no mesmo mundo.

Ao invés disso, ocorre em toda uma série de mundos que são mais ou menos sintonizados entre si e que tem mais ou menos ressonância. Assim, as interações podem ocorrer em uma dimensão ou em nenhuma. Elas podem produzir novos afetos, ou simplesmente caminhar lado a lado com outras. (THRIFT, 2008c, p. 181, tradução nossa).

Abre-se, então, para a ideia de que existem diferentes formas de conhecer o mundo que são ao mesmo tempo formas diferentes de viver o mundo. Assim, os modos de existência e os modos de conhecer fazem parte de universos relacionais. Essa proposta também reforça o caráter da ação, já que não existe modo de existência e modo de conhecimento sem ação.

O que eu acho que isso mostra é que existe um projeto geográfico baseado em espaços vitais entendidos como diferentes formas de conhecer o mundo, que são ao mesmo tempo, modos de viver o mundo. Eu penso nisso como um projeto de ontogênese comparativa cuja tarefa é investigar como diferentes mundos são compostos e interagem entre si. (THRIFT, 2008c, p. 181, tradução nossa).

É possível pensar, por esse viés, que existem várias encenações, modos de vida, modos de conhecimento, modos de existência, que circulam por redes que podem ou não se encontrar, se chocar e se influenciar. Tanto a iniciativa da Galeria Providência quanto o Rolé dos Favelados propõem novas formas de sentir e de sensibilizar as pessoas. Constroem-se, assim, novos mundos, novos olhares, novas possibilidades. A ideia é confrontar essa produção com os discursos midiáticos e do poder público, que destacam sempre um caráter marginal e de ilegalidade desses espaços.

O corpo e o caminhar na antropologia e educação

As duas visitas feitas ao espaço nos fazem pensar na produção do conhecimento e da aprendizagem de outras formas que divergem do modelo tradicional escolar de corpos controlados, sentados e quietos. Os antropólogos Ingold e Vergunst (2008) consideram que o caminhar, bem explorado no caso do Rolé dos Favelados, é uma maneira de pensar e sentir que através dos movimentos de pedestre gera práticas culturais. Os autores seguem seu pensamento dizendo que "através de uma tradição fenomenológica baseamos nossas ideias do social e do simbólico dentro das atividades do dia a dia que unem prática e representação, fazer, pensar e falar, e mostrar como tudo acontece, de uma maneira ou de outra, em movimento". (INGOLD; VERGUNST, 2008, p. 3).

Os antropólogos ainda dizem que o conhecimento é formado ao longo do caminho e que é possível aprender andando pelas ruas das cidades. Eles usam a metáfora de transformar as ruas em salas de aula, porém não creio que se trate disso, já que cada contexto educativo

tem sua especificidade. Devemos levar em consideração os desafios e especificidades de andar e aprender pelas/com as cidades de maneiras diferentes do que o contexto escolar formal.

Levando as especificidades em consideração, a antropóloga Alice Legat (2008) dá importância a contação de histórias juntamente com o caminhar. A autora desenvolve suas ideias ao conviver com a tribo indígena dos Thcho no Canadá. Contar histórias, nesse contexto, não tem nenhum propósito didático e a história por si só não basta, é preciso confirmá-las através das experiências pessoais obtidas nas práticas. As histórias são usadas para *pensar com*, seja com o outro, com o ambiente, com os objetos. "Enquanto trabalhava nesses projetos um constante tema de discussão e ação entre as lideranças aparecia: a importância de contar histórias, explorar trilhas e andar por locais onde eventos passados ocorreram" (LEGAT, 2008, p. 35).

Como dito, a antropóloga estuda e produz seu conhecimento com uma tribo indígena que dá importância a sua cultura oral e a tradição. Não podemos simplesmente transportar seus modos de vida e aplicá-los em nosso contexto brasileiro. Apesar disso, o exemplo nos mostra que é possível pensar em outros modelos que fogem do tradicionalismo e da influência da Modernidade Ocidental. Ingold (2017) considera que os protocolos da ciência tradicional nos levam para um afastamento entre as nossas formas de saber sobre o mundo e de estar nele. Para o antropólogo, faz-se necessário pensar e agir *com* os outros e não *sobre* eles, para que se reúna "conhecer com ser".

O percurso feito pelo Rolé dos Favelados, que conta com narrativas de Cosme, de outros guias e dos moradores nos mostra que a contação de histórias está presente no contexto da Providência e que mais do que ouvi-las, é preciso trilhar os caminhos pelos quais os mais antigos passaram para mantê-las em circulação. Faz-se necessário, nesse entendimento, mudar também a forma pela qual andamos na cidade. O andar normalmente apressado e corrido deve dar lugar a atenção e a lentidão.

Ouvir histórias e seguir as pegadas daqueles que são mais sábios nos permite pensar através da compreensão filosófica e conhecimento prático que se originou no passado. Essa é uma perspectiva que encoraja a todos a reconhecer que há muito para aprender. Também oferece as pessoas uma compreensão da importância de caminhar e observar - atento ao inesperado - enquanto se pensa sobre as coisas que habitam a terra. As crianças são ensinadas a observar enquanto estão crescendo e enquanto andam, elas devem pensar sobre o que cheiraram, viram e sentiram, sempre olhando para trás, para ver como a trilha ficará na sua volta (LEGAT, 2008, p. 39).

Aprender passa a ser entendido como um processo que se dá com os outros e não no isolamento. A visão apresentada por Legat se alia a visão de Thrift quando rompe com a dualidade corpo-mente do modelo cartesiano. A autora ainda salienta que os componentes não humanos também são importantes e que ajudam a mostrar que os processos de aprendizagem são situados e guiados, mesmo que não haja humanos em volta. O aprendizado guiado envolve, então, uma combinação de informações que são recebidas através de histórias, seguir uma trilha e realizar tarefas em certos lugares. "Visitando, caminhando e executando tarefas em um local os indivíduos, ao mesmo tempo, levam algo do lugar com eles e deixam um pouco de si mesmos" (LEGAT, 2008, p. 36).

Não se trata aqui de dizer que toda forma de conhecimento deva ser pautada no caminhar, mas de explicitar outras maneiras de aprender que contemplem o corpo como um todo e as relações entre os espaços, os objetos e os sujeitos. A antropóloga dá ênfase às figuras dos anciões e de guias para chegar à aprendizagem e de que não basta andar pelos lugares, sozinho, sem conhecer as histórias e sem saber o que aconteceu, mas que é necessário que tenhamos auxiliares para nos ajudar a seguir os caminhos de nossos antepassados, alguém que já tenha trilhado esses caminhos, que conheça as histórias e que saiba como contá-las.

É possível traçar relações entre as ideias apresentadas pelos antropólogos e geógrafos com os trabalhos de Paulo Freire (1987), principalmente no que tange o conceito de educação libertadora, conscientizante e problematizadora que preza a participação dos sujeitos e sua realidade sociocultural no processo educacional. Assim é preciso que haja um modelo intercomunicacional, ou seja, pautado no diálogo, na troca de conhecimentos e experiências e na superação da contradição educador-educando. A educação libertadora se contrapõe aquilo que Freire chama de "educação bancária" que consiste no modelo de ensino onde o professor é dotado de saberes e conhecimento e os alunos são jarras vazias onde o conhecimento vai sendo depositado, mediante pagamento. A relação é de um cliente que paga para aprender e de um sujeito que o enche de conhecimentos técnico-científicos que são alheios à sua realidade social e cultural.

A premissa do processo de aprendizagem trazida por Legat, Ingold e Vergunst passa não só pelo reconhecimento geográfico, mas pelos arranjos socioculturais que são formados nos diferentes lugares. Para os antropólogos, assim como para Freire, é necessário reforçar a importância da ação, "saber alguma coisa é ser capaz de tomar alguma forma de ação" (LEGAT, 2008, p. 38). Os conhecimentos elencados para ser transmitidos através de uma perspectiva formal escolar não se aplicam no viés trazido pelos antropólogos, já que é preciso

experienciar a partir das histórias que são passadas de geração para geração e trilhar caminhos que levem à construção do conhecimento.

Nessa perspectiva a figura do mediador ou do guia torna-se importante, já que não se trata de passar conhecimentos de maneira unilateral, mas de construir formas de aprender pautado no diálogo e na ação. Legat desenvolve a ideia de que é preciso "ajudar os mais jovens a andar as histórias e seguir as pegadas dos seus antecessores enquanto se tornam conhecedores e deixam suas próprias pegadas para outros seguirem. As histórias dariam a eles a capacidade de pensar, e, portanto, sobreviver em um mundo de mudanças" (LEGAT, 2008, p. 43). Não se trata de apenas seguir os passos de outros, mas a partir disso, criar, deixar suas marcas e produzir saberes e conhecimentos.

Em um pequeno livro, Ingold (2018) propõe pensarmos a antropologia como um modo de educação. Não se trata de antropologia da educação, mas de uma prática de educação que leva em conta as experiências, o estar com o outro e não de produzir conhecimentos e elucidações sobre o outro. O antropólogo retoma nesse texto a importância do caminhar para a prática antropológica, e, portanto, educativa. Para ele, caminhar não pode ser considerado um automatismo que libera a mente para pensar, mas que caminhar é em si um hábito de pensamento. Diz ele:

Não posso, ao longo do caminho, sustentar a ideia de que andar é impensado, um automatismo corporal que libera a mente para fazer suas próprias coisas. Ao contrário, caminhar é em si um hábito de pensamento. Esse pensamento, no entanto, não é uma operação cognitiva dentro da cabeça, mas o trabalho de uma mente que, em suas deliberações, se mistura livremente com o corpo e o mundo. (INGOLD, 2018, p. 23, tradução nossa).

Trata-se, portanto, de uma forma de pensar o corpo e a mente que não as separa entre si e nem de suas relações com o mundo. Há uma mente, mas essa não está confinada na cabeça e separada do mundo. Ao invés disso, ela se expande e passa a trabalhar e a se relacionar com as coisas e não sobre elas. Nas palavras do sociólogo John Law: “este é um mundo onde a divisão corpo-mente não funciona. *Cogito, ergo sum?* De maneira alguma: não há lugares de consciência removidos da carne. Essa é uma terceira questão, ser um corpo e conhecer vão juntos” (Law, 2016, p. 29).

Considerações finais

É possível notar ao longo de todo texto que a educação das cidades passa por outros modelos epistemológicos e metodológicos para tratar a aprendizagem. Nessa perspectiva, o corpo passa a ser considerado um componente fundamental no processo educativo. Pautados

nas obras de Carrano (2003), entendemos que entendida em seu sentido social ampliado, a educação se faz através dos corpos e a eles se dirige. É preciso considerar que as sociedades são feitas pelos sujeitos que as compõem, assim como os sujeitos são socialmente elaborados. Entende-se, assim, que o ser humano é processo e produto de relações corpóreas das quais a consciência não se apresenta como algo distinto do corpo próprio.

O que se viu através do Rolé dos Favelados é que a experiência e o caminhar se constituem como formas de construir conhecimentos e aprender com o mundo e não sobre ele. As relações entre os humanos, os espaços e os não humanos são parte constituinte do processo educativo e é preciso explorar essas relações e experiências, é preciso fazê-las, pois elas não são dadas.

Também se faz necessário apontar a cidade como um espaço legítimo e necessário da educação pautada no pluralismo cultural. Através desse entendimento se pode combater a privatização de espaços públicos das cidades e considerar que elas são campos de disputa com diferentes manifestações disputando espaços, significados e visões de mundo e de ser. Carrano (2003) ainda nos lembra que as cidades não são espaços educativos "em abstrato", mas que o potencial educativo é relacionado à oferta e à organização de grupos sociais e culturais, além da quantidade e qualidade das relações tecidas entre os sujeitos.

É preciso considerar, à luz das análises de Carrano (2003) e da Carta das Cidades Educadoras, que a cidade que educa não é apenas aquela que planeja pedagogicamente os espaços de aprendizagem, mas também através de redes informais de sociabilidade e conhecimento. Faz-se necessário, ressaltar, mais uma vez a integração das vertentes formais, não formais e informais. A força das redes informais, com formas difusas e contínuas se dá nos espaços praticados que são inovados através de experiências criativas.

Dessa forma, aprender com o extraordinário da vida da cidade é se abrir para a surpresa de conhecer o mundo que existe além de planificações. A transformação da cidade em objeto da educação se identifica também com a luta contra a exclusão, e significa buscar a superação dos elementos de mistificação da realidade que o urbano estrutura.

Vê-se que as iniciativas dos museus de favela e no caso aqui apresentado do Rolé dos Favelados e da Galeria Providência buscam desenvolver projetos culturais que trazem outros atores para os debates e disputas acerca dos sentidos das cidades através de experiências etnográficas, contação de histórias e do caminhar como formas de conhecer, viver, ser e educar nas cidades.

Referências

- ARAÚJO, V. A cidade como espaço público de educação e afirmação da cidadania: a experiência de Vitória/ES, Brasil. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 27, p. 135-148, 2011.
- CARRANO, P. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS. Disponível em <https://www.edcities.org/pt/carta-das-cidades-educadoras/>. Acesso em 18/04/2020.
- ESPINOZA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE-MEDEIROS, B. Favela como Patrimônio da Cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro), v. 38, p. 49-66, 2006.
- GOMES, M. V. Para além dos muros da escola: a relação cidade-educação em debate. *Revista Giramundo*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 67-80, 2014.
- INGOLD, T.; VERGUNST, J. Introduction. IN: INGOLD, T.; VERGUNST, J (Org.). *Ways of walking: Ethnography and practice on foot*. Aberdeen: Ashgate Publishing Company, 2008.
- INGOLD, Tim. *Antropology and/as education*. New York: Routledge, 2018.
- LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOUR, B. *Reassembling the social: An introduction to Actor-Network-Theory*. New York: Oxford University Press Inc, 2005.
- LAW, J. Modes of knowing: resources from the baroque. IN: LAW, J. ;RUPPERT, E.(Org). *Modes of Knowing: resources from the baroque*. Manchester: Mattering Press, 2016.
- LEGAT, A. Walking stories; leaving footprints. IN: INGOLD, T.; VERGUNST, J. *Ways of walking: Ethnography and practice on foot*. Aberdeen: Ashgate Publishing Company, 2008.
- MATTOS, Romulo. C.. Remoções de favelas na cidade do Rio de Janeiro uma história do tempo presente. *Revista Outubro* (São Paulo), v. 21, p. 171-190, 2014.
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- Thrift, N. I just don't know what got into me: Where is the Subject? University of Warwick, UK. *Subjectivity*, 22, p.82-89, 2008a.
- THRIFT, N. Spacialites of feeling. IN: THRIFT, N. *Non-representational theory: space, politics, affect*. New York: Routledge, p. 189-210, 2008b.
- THRIFT, N. From born to made: technology, biology, space. IN: THRIFT, N. *Non-representational theory: space, politics, affect*. New York: Routledge, p. 175-188, 2008c.